



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Educação transformadora: o Brasil do futuro vai à escola hoje

Silvia Helena Gonçalves
Andreia Nascimento da Silva (Orientadora)

RESUMO

Esse trabalho poderá contribuir com os educadores comprometidos com a construção de um mundo mais justo, onde cada indivíduo tenha direito a sua identidade, sem doutrinação, um convite para refletir sobre liberdade, respeito, responsabilidade, criticidade, entre outros princípios e ações que ultrapassam os limites da escola. Refletir possibilidades de um futuro melhor como princípio para uma boa convivência humana através da educação. Analisar a responsabilidade social da escola e dos profissionais da educação, conduzir-nos para um caminho que nos ofereça mais fundamentos para nossas práticas pedagógicas. Pensar na escola como instrumento de conscientização, destituindo sua função de mera transmissora de conhecimento, estendendo-se para uma formação social direcionada para a intervenção com a realidade social. Dentro das abordagens qualitativa, explicativa e bibliográfica os conceitos foram construídos a partir dos dados recolhidos e agrupados, atribuindo a interpretação a realidade, ao contexto e a visão de mundo dos sujeitos envolvidos na pesquisa de forma mais fiel possível, contribuindo para construção de novos conhecimentos e teorias.

Palavras-chave: Educação. Mídia. Mudanças. Orientação.

ABSTRACT

This work can contribute to educators committed to building a more just world, with which each citizen has the right to their identity, without being doctrinal, is favorable to freedom, respect, responsibility, criticism, among other principles and actions that school boundaries. Reflect the possibilities of a better future as important for a good human coexistence through education. Analyzing a social responsibility of the school and education professionals, produce a reflection that offers us more resources for our pedagogical practices. Analyze a school as an

instrument of awareness, aiming its function of transmitting knowledge, extending to a social direction directed to an action and a social reality. Inside the works qualitative, explicative and bibliographic the concepts are constricted from the data which are collected and clustered, assigning the interpretation, the reality, the context and the worldview of the researchers in the construction of a more faithful way possible, contributing to the construction of new knowledge and theories.

Keywords: Education. Media. Chang and. Guinche.

Introdução

“De acordo com o filósofo teórico da área da pedagogia René Hubert, a educação é um conjunto de ações e influencias exercidas voluntariamente por um ser humano em outro, normalmente de um adulto em um jovem. Essas ações pretendem alcançar um determinado proposito no indivíduo para que ele possa desempenhar alguma função nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos de uma sociedade.” É preciso que se entenda um pouco da história da educação em nosso país para entender a necessidade que se tem de mudarmos os nossos conceitos sobre como educar e para que educar.

Historicamente, as leis que regem ou regeram a educação no Brasil, emanaram das elites que assentadas no poder utilizaram do instrumento lei como fator de controle da massa populacional. Vale dizer que mesmo na monarquia- onde a educação era declaradamente privilégio das elites dominantes- o projeto de educação foi forjado no palácio em consonância com a igreja, aliás, oficializada pelo poder. Seria de se esperar que, com a proclamação da República, a educação fosse vista de forma diferente; não o foi, tornava-se direito do cidadão e obrigação do Estado, impunha-se o ensino gratuito como obrigatório a nível de primário (ou da escola elementar). O que se pretendia com isso? Acaso formar cidadão cômicos de seus direitos? Ou seria necessário um instrumento capaz de forjar as cabeças faces às transformações ocorridas? Em poucas palavras, o regime carecia de ser aceito e defendido pela nação, e a educação seria instrumento a garantir esse novo homem. (NAUFAL,1991).

Não se pode olhar para o objeto educação com os mesmos olhos com o que até aqui olharam. Aquela educação que antes formava cidadãos sem senso crítico incapaz de perceberem seus direitos ou reclamar por eles, formados para aceitar e defender o sistema, uma formação dominadora que aprisiona o

indivíduo em sua ignorância. Ao sistema interessa a eficiência da ação da escola no papel de catequizar o jovem, para o qual é fundamental impedi-lo de pensar por si só, cabe a nós, os educadores refletir se queremos ser agentes reprodutor ou inovador.

Todo educador precisa acreditar no poder da educação como agente transformador. Ao escolhermos essa profissão, apesar das dificuldades, assumimos responsabilidade, nosso papel é ajudar a fazer a diferença, tanto na sala de aula, como na vida dos alunos e da comunidade.

O que muda uma família, um bairro, uma cidade, um país é a educação. Se acreditarmos que isso seja possível os alunos também acreditarão.

Um indivíduo ciente do valor da educação tem a exata noção do que isso representa não só no particular mas, em toda sociedade: Perceber o grande potencial que a educação possui e despertar no indivíduo capacidade de reflexão.

A educação deve ser tida como instrumento para um bem maior, no qual uma sociedade inteira tenha consciência dos seus atos e também dos impactos que suas decisões representam, ou venham a representar em uma comunidade. É objetivo da educação promover sinergia para que todas as conquistas sejam elevadas e também continuas permitindo sempre melhorar para todos os envolvidos. Se considerarmos que todo indivíduo em um certo momento de sua vida obrigatoriamente passa por uma instituição de ensino, conclui-se então que esse será, (talvez deva dizer o único), o melhor meio de começar uma ação para transformar indivíduos através da educação, e se livrar do mecanismo que reproduz e doutrina pela seleção dos conteúdos a serem ministrados.

É dever dos profissionais da educação orientar , crianças e adolescente na construção de um mundo melhor, devemos trabalhar para formação de indivíduos que não tenha medo da liberdade e que não confunda essa liberdade como ausência de limites, essa orientação deve começar na base, nos primeiros anos de vida de uma pessoa, se trabalharmos os valores corretos desde a educação infantil, formaremos adultos que terão maior capacidade de avaliar seus atos; e através desse processo educativo o professor acaba por contribuir para que os indivíduos entendam suas atitudes e reflitam sobre elas, é preciso ter cautela ao transmitir as informações para que estas não chegue até o educando como informação de uma realidade distorcida, ou que motivam

atitudes inadequadas sem o devido cuidado de reflexão o que acaba prejudicando seu modo de pensar e ver o mundo.

A mudança de um país só vai acontecer com a educação, a educação transformadora pode mudar vidas e pensamentos e ainda inserir o indivíduo na sociedade como sujeito participante da mesma, e isso é papel não só dos pais mas dos educadores. Sabe-se que, hoje em dia, as chances de se vencer na vida estão diretamente ligadas ao nível de instrução da pessoa, ou seja, quanto mais se estuda maiores serão as perspectivas para o futuro. Entretanto a educação vai muito mais além, ela é capaz de transformar a vida da pessoa, tanto na prospecção de um futuro melhor, quanto na elevação do próprio ser social, garantindo que esse tenha conhecimento para absorver, interpretar e discorrer sobre novas experiências.

O autor Mario Sergio Cortella, filósofo, educador, palestrante e professor também defende que é possível transformar indivíduos através da educação e que o professor (educador) é extremamente importante nesse processo, nos diz que:

O conhecimento é fruto da convenção, isto é, de acordo circunstanciais que não necessariamente representam a única possibilidade de interpretação da realidade. A realidade social a ser parida também por nós educadores é mais do que uma espera (nostálgica do futuro); é um escavar no hoje de nossas práticas à procura daquilo que hoje pode ser feito. Esse hoje é uma das pontas do nó do futuro a ser desatado, fruto de situações que não se alteram por si mesma e nem se resolvem com um "ah! se eu pudesse ...," 'ah! No meu tempo.' (...)

Nosso tempo, o dos educadores, é este hoje em que já se encontra, em gestão, o amanhã. Não um qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certeza, mas sabemos possibilidades.

É nessa paixão pelo humano que habita, de forma convulsiva, a tensão articulada entre o epistemológico e o político, onde se dá o encontro do sonho de um conhecimento como ferramenta da liberdade de um Poder como amálgama da convivência igualitária". (CORTELLA, 2011).

Há um ditado chinês que diz que, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, e, ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada homem vai embora com um; porém, se dois homens vêm andando

por uma estrada, cada um carregando uma ideia, ao se encontrarem, eles trocam as ideias, cada homem vai embora com duas.

Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir ideias para todos terem pão. Não se trata apenas transmitir conhecimento para poder decifrar códigos, e sim levar o indivíduo a pensar por si próprio e ser capaz de tomar suas próprias decisões sem medo de errar, visando apenas o bem comum, fazer com que se sinta que é inteligente o bastante para enfrentar as adversidades. A medida que o saber é compartilhado buscando autonomia e responsabilidade há uma troca rica de dados, e o professor assume o papel de orientador, o trabalho continua a desenrolar mesmo sem a sua presença física.

Vivemos um tempo de perplexidade, marcado pela disputa de poder político e econômico, ou guerras silenciosas entre grupos sociais diferentes que lutam pela sobrevivência, ou disputam entre si a manutenção de poder, bens materiais e interesses individuais; tempos em que a violência torna-se banal e justificável, diluindo valores que dão lugar à futilidade marcando um modo de vida onde o consumismo e a competição define as relações entre as pessoas. (FEITOSA, 2009)

O modo como se educa, e o meio em que vive e se relaciona o indivíduo dita seu comportamento perante a sociedade, estamos sendo educados pra ter e ser, e essa educação não é a que queremos, precisamos ter a real compreensão da realidade buscando novos aspectos para a educação transformadora, reorientando atitudes que amplie conhecimentos e indique caminhos.

A instituição, seja escola ou outros espaços sociais, é lugar de cuidado existe para “cuidar” de alguém, para se “ocupar” com alguém, para se “preocupar” com o outro, zelar pelo seu bem-estar. A escola é genuinamente um lugar de gestão das relações, dos desejos, das expectativas, das frustrações, das tensões, das alegrias, dos saberes, dos deveres, de cuidado.

Certas indagações como, por que aprender isso ou aquilo, mostram que precisamos refletir sobre a forma de como ensinamos, é preciso estabelecer diálogos com os alunos, despertar a capacidade de relacionar conhecimento de vários campos para ampliar sua compreensão das coisas.

Segundo Freire

A educação emancipatória, portanto, já não há de entender-se como uma ação de umas pessoas sobre outras, pois seria inconsequente com os seus pressupostos básicos: ‘ninguém

educa ninguém-ninguém se educa a si mesmos - homens educam-se entre si mediatizados pelo mundo.

A qualidade do ensino depende de uma série de fatores, como a presença da família, a qualidade curricular, o compromisso do educador e das instituições responsáveis e espaço adequado para o ensino. No entanto, a base é o educador – é ele quem está em contato com o aluno, é ele quem apaixona seus alunos e quem os desperta para a vida.

Nunca na história da educação presenciamos tantas cenas de desrespeito e abandono, dar exemplo é a chave da boa educação, as crianças e os jovens aprendem o que vivenciam. A escola é o segundo ambiente social com o qual a criança tem contato, lugar onde a criança e o jovem podem se desenvolver e evoluir social, moral, intelectual e até espiritualmente, por meio de construção do conhecimento, cujo aprendizado, mais adiante, se revertera em benefício coletivo. Na educação que temos hoje os jovens são treinados apenas para ter sucesso, tornam-se máquinas de trabalhar, fizemos da memória de nossos jovens e crianças banco de dados, quando sabemos que ela não tem essa função, estamos obstruindo a inteligência das crianças, não estamos construindo pensadores. A maioria dos jovens, incluindo universitários, não constrói ideias, e a escola deixou de ser uma aventura agradável.

Segundo Cury o educador deve agir de maneira a: “expandir o olhar que a criança traz de casa, voltado para si própria, lançando-o para o exterior, para a sociedade, a educação é a força-motriz na construção de uma sociedade justa e equânime, e o professor é fundamental nesse processo”.

Alguns pontos são importantes e precisam ser debatidos entre escola, comunidade e família, uma vez que atingem a vida de todos, por exemplo;

*Superar a invisibilidade social, ir em busca de soluções, apontar apenas erros não é a melhor saída.

* Recuperar a identidade social, sem perspectiva de vida, sem atividade, e trabalho o jovem acaba ocupando o tempo de outras formas, muitas vezes ilegais.

*Trabalhar contra os estigmas, devemos evitar esse jogo de empurra, uma vez que todos somos responsáveis e devemos adotar um compromisso para modificar aquilo que nos incomoda.

*Valorizar o respeito, nunca foi tão necessário valorizar o convívio humano, valorizar o ser humano é valorizar o respeito, é necessário resgatar o amor próprio de cada um para respeitar o outro.

Se eu, você e todos aqueles que acreditarem continuarem se movendo e pensando no quanto é possível melhorar o mundo a cada semana, a cada dia, a cada minuto, haverá chances significativas de sucesso.

1.1 Novo mundo, nova escola, novo aluno e cadê o novo professor?

Globalização, novas formas de comunicação, multiculturalismo, questões de gênero e raça batendo a porta a cada instante. Informação cada vez mais rápida, exigindo uma permanente reciclagem tecnológica. Manifestações culturais dos adolescentes e jovens, formação de tribos culturais assim como expressões de diferentes classes sociais, movimentos culturais e religiosos. Diversas formas de violência e exclusão social configuram o panorama social político e cultural. A escola não pode ignorar essa realidade porque o impacto desses novos processos no cotidiano escolar é cada vez maior. (COLLING, 2009)

O excesso de informação e estímulo da teve contribui para gerar a síndrome do pensamento acelerado (SPA), a ansiedade da SPA gera compulsão por novos estímulos, os alunos se agitam na cadeira tem conversas paralelas, não se concentram, mexem com os colegas na tentativa de aliviar a ansiedade gerada pela SPA, e os educadores precisam gritar pra obter o mínimo de atenção(COLLING, 2009).

A reflexão sobre o papel da educação em uma sociedade cada vez mais complexa e multicultural é tema de debates mundiais e ultrapassa os muros da escola. É a própria concepção de escola, suas funções e relações com a sociedade, o conhecimento e a construção de identidades pessoais, sociais e culturais que está em questão. De um lado retira todo poder que a escola pensava possuir, e, de outro, lhe credita mais responsabilidade como ainda um lugar privilegiado para mudanças; e no meio disso tudo, movimenta-se o professor tentando adequar os interesses institucionais, administrar a insatisfação dos alunos e dar conta das suas próprias angustias e fragilidades.

Essas tentativas de privilegiar a escola como local de transformação sociais demonstram que não é possível reduzir à escola a simples “reflexos”, mas produtos de verdades, coisas e sujeitos.

A família, praticamente tem abandonado as suas funções socializadoras, sobrecarregando as instituições escolares. Há os que defendem que a principal função da escola, especialmente pela sobre carga familiar, que não mais encontra tempo para isso, é, além de ensinar, entregar a sociedade a criança e o jovem educados, socializados, disciplinados. Por outro lado, contraditoriamente, a própria profissão docente é contestada externa e internamente, ocasionando um desencanto pessoal e coletivo pela não valorização daquilo que deveria ser o centro de atenções e cuidados.

Como pensar a educação diferente do que vínhamos pensando a tanto tempo. A educação clássica transformou a memória humana num banco de dados, e essa não é sua função, a escola não pode tomar a todos como se fosse uma produção em série, a educação carece de novas transformações, novos professores, e que estes não sejam juízes mas sim médicos.

Para o escritor e educador Moacir de Góes, “a transição do velho para o novo é um processo. O novo não se constrói só nem surge por passe de mágica. O novo nasce do arcaico, nas não repete o arcaico; em uma determinada hora, os dois convivem lado a lado”.

Não se trata de deixar de lado tudo aquilo que temos de conhecimento na areada educação até aqui, nas de aperfeiçoar e redirecionar esse conhecimento, trata-se de reaproveitar o que já temos e transforma-lo em algo melhor, visando o bem em comum, o passado vai aos poucos se fundir-se com o presente.

Muitas coisas que ainda fazemos nossos avós já faziam e, possivelmente ainda faremos por muito tempo. Acredito que o grande desafio de uma nova educação esteja pautado na simplicidade, nos pequenos detalhes, no delicado equilíbrio das relações, é preciso resgatar a essência humana, resgatar valores simples e importantes.

Quando os envolvidos com a educação e com a formação de nossas crianças e jovens são comprometidos a realizarem com amor e dedicação sua tarefa, as chances de mudanças são muito maiores. Falo de todas as pessoas, e em especial aos educadores, seja direta ou indiretamente tudo o que fizermos ou dissermos vai ter um impacto sobre o outro, somos responsáveis por tudo o que está a nossa volta, somos exemplos a serem seguidos. Professores e alunos devem buscar soluções e expor opiniões, e planejar juntos ações para melhorar o mundo que os cerca.

Segundo Cecília Meireles, “quando a mocidade procura um rumo para sua vida, leva consigo, no mais íntimo do peito, um exemplo guardado que lhe serve de ideal”. O professor é para a criança e o jovem alguém que ele admira e confia, ele é um referencial, depois dos pais, é ele o professor quem vai estar mais próximo das crianças, quem vai acolher e compreender. Precisamos inspirar nossos alunos, leva-los a enfrentar seus desafios e não só ter cultura informativa. A nossa opinião têm um peso muito grande na formação do educando, somos alguém de quem ele depende, é preciso ter a exata medida do peso que nossa fala possui e ainda sermos capazes de perceber a natureza de nossa responsabilidade.

O que defendo é o compromisso de cada um, somos agentes de transformação e devemos acreditar nisso apesar das dificuldades, a educação transformadora parte da profunda insatisfação gerada por uma sociedade injusta e da vontade de a transformar. Não há educação transformadora se não sente um desejo e uma possibilidade de mudança social. Cremos em uma escola que desperte o sonho em nossa juventude, que cultive a solidariedade, a esperança, o desejo de aprender, ensinar e transformar o mundo.

Mudanças e paradigmas são desafios, todo desafio requer coragem e determinação para ser cumprido. Na educação enfrentamos desafios, educar é desafiar o óbvio. Nossa geração produziu informações que nenhuma outra jamais produziu, mas não sabemos o que fazer com elas.

A pergunta é como educar toda uma geração que tem um turbilhão de informações? A TV, os brinquedos manufaturados, a internet e o excesso de atividades obstruíam a infância. Nossa geração produziu informações que nenhuma outra jamais produziu, mas não sabemos o que fazer com elas.

Precisamos reestruturar, de forma urgente, os processos pelos quais nossas crianças e nossos jovens aprendem os valores e os comportamentos sociais, porque ira chegar um determinado tempo, que a sociedade não mais saberá diferenciar, o que será útil e fundamental para ser transmitido as gerações futuras. Para que isso não ocorra, as instituições sem exceção terão que dar sua parcela de contribuição. Somente uma educação pautada em sólidos valores altruísta, poderá fazer surgir uma nova ética social que seja capaz de conciliar direitos individuais com responsabilidades interpessoais e coletivas.

1.2 Educação, amando e transformando

Acreditamos que a garantia de mudanças profundas não se fará com a descoberta de novos recursos. Mudar em profundidade e transformar exige mais do que simplesmente inovação de recursos didáticos. Exige uma transformação na postura do professor, que ele não se transforme em educador, mas enquanto educador, em agente de transformação, oferecendo ao futuro um homem novo, livre, crítico, responsável...enfim um homem humano. (NAUFAL 1991.)

À medida que o homem ampliou suas conquistas em relação às riquezas naturais, à medida que diversificou suas ações, ampliou domínios, também a educação passou a caminhar paralelamente, servindo a esse domínio. Quem determina o que é educação são as classes dominantes e o que compete como direito a educação às classes dominadas, onde o homem (objeto da educação) não é senão instrumento.

Informar para permitir escolhas, usa-se do conceito de liberdade onde, de fato, os veículos de massa estimula atitudes de aceitação das vontades que lhes criaram. Informado e tornado consciente de como aquilo se está operando nele, pode melhor entender e trabalhar suas vontades.

A falta de informação conduz também à falta de respeito e de responsabilidade, responsável é quem participa, coopera, possibilita, favorece a obra coletiva, a do bem comum, quem respeita compreende, ajuda, incentiva e sente prazer em ver que o outro não só cresça e amadureça, mas se desenvolva e supere. Assim criar obstáculos para que cada um invente a saída é um fator de fundamental importância no cultivo do autoconceito da autoimagem.

Podemos errar e mostrar ao educando nossos erros, isto será um sinal de que não consideramos o erro como crime irreparável e que não somos perfeitos. Isso nos coloca próximos e mostra-lhes que errar não é crime. À medida que não existe um detentor do saber; à medida que o saber é compartilhado; à medida que busca a autonomia frente ao saber; à medida que responsabilidade é parte do trabalho e da vida, o professor assume o papel de orientador ou de coordenador, nas sem sua presença física o trabalho continua a se desenrolar, onde educadores e educandos solidários, compartilham sucessos e insucessos com mesma serenidade e respeito.

A escola de direção participativa não nasce pronta, não surge acabada, não brota da terra como num passe de mágica. Ela é fruto de luta cotidiana; luta

essa que constrói o homem e ergue as paredes da escola, que poderá derrubar todas as outras paredes que circulam as consciências.

O longo caminho da escola do medo para a escola da coragem tem nome: amor! Liberdade, respeito, responsabilidade, criticidade, organização. Eis os meios pelos quais o amor é demonstrado na ação educativa, em sua plenitude. Por isso são princípios. Fluem dos educadores para os educandos e deles para os educadores e entre uns e outros isso se amplia.

Não há quem deixe de empurrar o barco esperando que outro o faça. Cada um se esforça por empurrar e mais e mais, usando de toda força que dispuser, poupando o companheiro que está a seu lado empurrando também...E todos agem assim. Silenciosamente... e messes atos trocam suas experiências de amar em profundidade, socorrendo, antes que o grito saia; acudindo, antes que o sangue jorre; amparando, antes que a sustentação falte; consolando, até antes que a lágrima role! (NAUFAL, 1991, p.117).

Com certeza é preciso insistir na busca de novas maneiras para construir um novo modelo de educação, que aproxime família e sociedade, que atenda às necessidades básicas e se aplique no dia-a-dia da vida escolar e comunitária.

Prepare seus alunos para explorar o desconhecido, para não ter medo de falhar, mas medo de não tentar. Ensine-os a conquistar experiências originais através da absorção de pequenas mudanças e da correção de grandes rotas. Novos estímulos estabelecem uma relação com a estrutura cognitiva prévia, gerando novas experiências. Novas experiências propiciam um crescimento intelectual. (CURY, p. 61).

Se os alunos ficam na escola durante quatro anos como meros ouvintes, eles deixam de ser questionadores do mundo e de si mesmo e se tornam espectadores passivos. Quando uma pessoa para de perguntar, ela para de aprender, para de crescer.

Professores e alunos dividem o espaço de uma sala, mas não se conhecem. Passam anos muito próximos, mas são estranhos uns para os outros. Que tipo de educação é essa que despreza a emoção e nega a história existencial? A educação moderna está em crise porque não é humanizada, separa o pensador, do conhecimento, o professor, da matéria, o aluno da escola, em fim o sujeito, do objeto. Ela tem gerado jovens lógicos que sabem lidar com números e máquinas, mas não com dificuldades e conflitos, contradições e desafios.

1.3 Os alunos de pedagogia e a escola do futuro

Todos os anos milhares de pessoas decidem fazer pedagogia ou curso de licenciatura. Por que mesmo cientes dos problemas da educação no Brasil, elas se aventuram pelo mundo do ensino? Com essa pergunta na cabeça muito trabalho pela frente, nos enveredamos pelas pesquisas mais recentes e falamos com quem quer aprender e ensinar. O resultado é fascinante.

Encontramos uma geração que mudou de vida graças a educação. São sobre tudo mulheres, a maior parte negras e pobres. Elas são as pioneiras da família a ingressar no ensino superior. São resultado tanto do esforço individual quanto de políticas públicas implantadas por diversos partidos ao longo dos últimos 30 anos. Elas mostram o que acontece quando a força das pessoas encontra um terreno fértil oferecido pelo país.

Ao mesmo tempo, essa geração sente profundamente os buracos da própria formação. Embora ainda esteja na universidade, já experimenta as dores de um curso que pouco dialoga com a prática e dos estágios pro-forma. A isso se somam as incompreensíveis inseguranças com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os professores do futuro não sabem quanto do que aprendem hoje valerá para o horizonte próximo, que a Base começa a desenhar. Afinal, o próximo desafio, depois do currículo é a formação docente.

De todo modo, entre alegrias e insegurança, há um aspecto positivo nessa geração. Ela vivenciou a universalização do acesso à educação pública e experimentou o acesso ao ensino superior. Não são estudantes de um mundo em que ir à escola era difícil, como a 25 anos. Nem se contentam em ter todo mundo na escola. Eles querem qualidade.

Sim, seria injusto dizer que querem algo diferente da geração que hoje está à frente das salas de aula. Muitos dos professores mais engajados com o aprendizado do alunos e alunas também tem essa preocupação. O ponto é que os professores atuantes hoje foram formados num país que mal conseguia garantir acesso (e muitos lugares ainda não conseguem fazer isso...).

Essa nova geração, que cresceu nos anos 2000, viveu uma realidade diferente, especialmente nas maiores cidades. A questão não era ter escola, A questão é qual escola, com qual sentido. Os estudantes com quem conversamos querem reformar profundamente as instituições e se mostram mais abertos a novas metodologias. Há uma inquietação bonita tomando forma. Sei que ainda é cedo pra dizer que esses candidatos a professores vão mudar radicalmente a Educação. Mas talvez valha apostar: mesmo sem a melhor das formações, e eles sabem disso, estão dispostos a enfrentar os desafios que o seu tempo lhes oferece. A nós cabe apoiá-los e encoraja-los nessa jornada que ainda nem começou". (REVISTA NOVA ESCOLA, 2018, p.5)

Essa geração teve suas vidas transformadas através da educação, e tem a consciência daquilo que a educação é capaz de fazer pela sociedade: mostrar

possibilidades, desenvolver o saber crítico dos alunos, dar a eles condições de construir sua independência, reforçando a ideia de que a educação pode transformar um indivíduo, voltado e comprometido com o bem em comum.

Considerações Finais

Essa pesquisa pode contribuir com os educadores comprometidos com a construção de um mundo mais justo, onde cada indivíduo tenha o direito à sua identidade, sem doutrinação, para poder escolher o que pretende para si e para o futuro da humanidade, e ainda mostra que através da educação podemos mudar o mundo que nos cerca, na importância de chamar atenção para mostrar que o papel que exerce o professor é de extrema importância para a transformação da sociedade.

Partindo do que mostra a realidade podemos pensar a escola sob diferentes perspectivas: a escola como espaço de sociabilidade de transformação social, e escola como construção do conhecimento que possibilitem ao educando buscar por respostas. Desafiar o educador a lutar por alternativas pedagógicas que favoreçam a formação de um novo tipo de pessoa, ter consciência de que sozinha a educação não pode fazer a transformação, nas que é parte construtiva na luta pela mudança. O sistema prepara o aluno para a aceitação do mundo competitivo e individualista.

Sem a uma visão de seu papel; sem a compreensão daquilo que o ensino representa para o estado e as classes que o dominam; sem a compreensão de quem é o educando; sem autonomia para entender aquilo que vê, o professor não pode mudar os rumos da educação. A garantia de mudanças profundas não se fará com a descoberta de novos recursos. Mudar em profundidade e transformar exige mais do que simplesmente inovação de recursos didáticos. Exige uma transformação na postura do professor, que ele não se transforme em educador, mas enquanto educador, em agente de transformação, oferecendo ao futuro um homem novo, livre, crítico, responsável... enfim um homem humano.

Referências

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

COLLING, C. **Formação de professores e cuidado em educação**. 2009.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NAUFAI, M. A. A. S. **Educação, amando e transformando**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

REVISTA NOVA ESCOLA ano 33, nº 312 maio 2018.

SANCHES, W. **Mais respeito! Delicado equilíbrio nas relações pedagógicas**. São Paulo. 2009.